

Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: associação entre o discurso populista e o fundamentalismo religioso

Evangelicals and the Far-right in Brazil: association between populist discourse and religious fundamentalism

Evangélicos y extrema derecha en Brasil: asociación entre el discurso populista y el fundamentalismo religioso

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar a articulação entre o discurso populista de extrema direita e o fundamentalismo religioso de base evangélica no Brasil, a partir da análise textual de uma cenografia discursiva de Jair Bolsonaro em discurso direcionado aos evangélicos. Fundamentado na teoria do discurso populista de extrema direita (Charaudeau, 2016) e adotando uma abordagem interpretativista, examina como a linguagem contribui para a construção de imaginários que promovem a cooperação entre esses discursos. Os resultados evidenciam a forte presença de três imaginários centrais: o de “vitimização”, que reforça uma identidade de grupo ameaçada; o de “satanização” dos culpados, que designa inimigos a serem combatidos; e o do “salvador providencial”, que atribui a Bolsonaro a missão de redenção nacional. A análise demonstra que esses imaginários são amplificados pelo contexto de transição religiosa com crescimento exponencial da população evangélica.

Palavras-chave: populismo; extrema direita; fundamentalismos; evangélicos; bolsonarismo.



CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Júlio Araújo

araujio@ufc.br

orcid.org/0000-0001-7399-3769

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Wesley Vieira

wesley.vieira@prof.ce.gov.br

orcid.org/0000-0003-3827-582X

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

The study aims to investigate the articulation between far-right populist discourse and evangelical-based religious fundamentalism in Brazil through the textual analysis of a discursive scenography by Jair Bolsonaro in a speech addressed to evangelicals. Drawing on the theory of far-right populist discourse (Charaudeau, 2016) and adopting an interpretivist approach, the study examines how language contributes to the construction of imaginaries that foster cooperation between these discourses. The findings reveal prominence of three core imaginaries: the “victimization” imaginary, which reinforces a threatened group identity; the “satanization” of the culprits, which designates enemies to be fought; and the “providential savior,” which attributes to Bolsonaro the mission of national redemption. The analysis shows that these imaginaries are amplified by the context of religious transition alongside the exponential growth of the evangelical population.

Keywords: populism; far-right; fundamentalisms; evangelicals; bolsonarism.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo analizar la articulación entre el discurso populista de extrema derecha y el fundamentalismo religioso de base evangélica en Brasil, a partir del análisis textual de una cenografía discursiva de Jair Bolsonaro en un discurso dirigido a los evangélicos. Fundamentada en la teoría del discurso populista de extrema derecha (Charaudeau, 2016) y adoptando un enfoque interpretativista, la investigación examina cómo el lenguaje contribuye a la construcción de imaginarios que promueven la cooperación entre ambos discursos. Los resultados evidencian la fuerte presencia de tres imaginarios centrales: el de «victimización», que refuerza una identidad de grupo amenazada; el de «satanización» de los culpables, que designa enemigos a ser combatidos; y el del «salvador providencial», que atribuye a Bolsonaro la misión de redención nacional. El análisis demuestra que estos imaginarios se amplifican por el contexto de transición religiosa, con el crecimiento exponencial de la población evangélica.

Palabras clave: populismo; extrema derecha; fundamentalismos; evangélicos; bolsonarismo.

Como citar:

ARAÚJO, Júlio; VIEIRA, Wesley. Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: associação entre o discurso populista e o fundamentalismo religioso. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 311-330, jan./jun. 2025. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Creative Commons Attribution 4.0 International license
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o cenário político global tem testemunhado um crescimento alarmante da extrema direita. Esse fenômeno está relacionado a crises econômicas políticas e sociais, que criam um ambiente de incerteza e medo, no qual discursos simplistas e soluções radicais encontram terreno fértil. Funke, Schularick e Trebesch (2016) atestaram, por meio de uma pesquisa comparativa, o crescimento dos votos para regimes populistas de extrema direita, após crises econômicas ocorridas entre 1870 e 2014, um crescimento em torno de um ponto percentual a cada ano.

Na atualidade, o reflexo dessa ascensão pode ser percebido em diferentes países, tais como nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Argentina, na Hungria (Mudde, 2022) e no Brasil (Piovezani; Gentile, 2020). A extrema direita em cada um desses países apresenta diferenças marcantes, moldadas por contextos culturais, históricos e sociais específicos. No Brasil, essa tendência foi ampliada a partir da ascensão de Jair Bolsonaro ao poder executivo (2019-2022) e continua com sua, consequente, qualificação como líder da extrema direita do país.

Uma característica bastante frequente nos discursos do bolsonarismo é uma fusão entre o discurso de ordem político com o discurso fundamentalista religioso, o que estamos nomeando como **religiogização do discurso político** (RDP). De acordo com o nosso entendimento, a RDP se refere ao processo pelo qual o discurso político, especialmente na extrema direita representada por Bolsonaro no Brasil, incorpora elementos religiosos de forma significativa. Este fenômeno envolve não apenas o uso de linguagem religiosa, como citações bíblicas e referências a valores religiosos, mas também a adoção de uma retórica que busca legitimar posições políticas através de uma interpretação conservadora.

Nossa base reside em Patrick Charaudeau (2016), que discute como os discursos políticos podem ser estrategicamente construídos para apelar a diferentes públicos e legitimar determinadas ideologias. Conforme mostraremos mais adiante, Bolsonaro frequentemente utiliza discursos que apelam aos valores cristãos conservadores, como a defesa da família tradicional, oposição a pautas progressistas como direitos LGBTQIAPN+, e críticas à suposta “ideologia de gênero”. Defendemos que a RDP não se limita apenas à retórica, mas também se reflete em políticas públicas e alianças políticas que buscam o apoio de líderes e grupos religiosos conservadores e que, em função disso, representa uma ameaça à democracia.

Para Charaudeau (2016), o discurso populista caracteriza-se por três imaginários principais: a vitimização, que une a população contra um inimigo comum; a satanização dos culpados, que identifica e demoniza categorias sociais específicas; e a figura do salvador providencial, no qual o líder se apresenta como o verdadeiro representante do povo. No caso em questão, defendemos que o líder brasileiro da extrema direita, Bolsonaro, atende perfeitamente às características do discurso populista defendidas por Charaudeau (2016), mas faz isso por meio de uma articulação

com os discursos fundamentalistas, muito associado aos neopentecostais. Assim, enquanto representante autoproclamado de Deus, o ex-presidente abriga, ao mesmo tempo, em sua cenografia populista, imaginários da fé e do espectro da política de extrema direita.

O conceito de cenografia, conforme proposto por Dominique Maingueneau (2005), refere-se aos elementos que o discurso constrói para definir e autenticar tanto a cena quanto o ethos dos quais esses elementos emergem. Desse modo, para ele a cenografia envolve a construção de um contexto narrativo e visual que guia a interpretação do discurso e cria um “palco” imaginário onde as ações e relações são representadas de maneira significativa. Já Charaudeau (2016), destaca que a cenografia populista costuma utilizar uma linguagem simplificada e emocional a fim de criar uma identificação imediata com o público e promover a ideia de que o líder populista é a única pessoa capaz de defender os interesses populares contra ameaças externas.

Seja em Maingueneau (2005), seja em Charaudeau (2016), a cenografia ajuda a dar coerência ao discurso, atribuindo a ele uma “*mise-en-scène*”, ou seja, uma encenação que não apenas expressa as ideias, mas também posiciona os sujeitos e estabelece o tom e a atmosfera. Assim, ela não é apenas uma contextualização externa, mas uma parte essencial da construção do sentido do discurso, influenciando como ele será recebido e interpretado pelos interlocutores. No caso da cenografia populista, esta cria uma representação de proximidade e intimidade entre o líder e o povo, enquanto fomenta a desconfiança e a hostilidade em relação às instituições e elites políticas.

Assim, a cenografia populista de Bolsonaro vem sendo construída de modo que essa figuração não ocorre por acaso, pois paralelamente ao crescimento da extrema direita, o Brasil vem passando por uma transição religiosa significativa, com um crescimento exponencial da população evangélica. Esse segmento religioso bastante diversificado tanto influencia a esfera espiritual, como também exerce um crescente poder nas eleições, moldando as estruturas política do país. Uma prova desse poder político dos evangélicos pode ser percebida ao analisar o crescimento da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) da legislatura de 2023 a 2026, formada por 132 deputados (26% da Câmara) e 14 senadores (17% das vagas do Senado)¹, comparada a formação anterior (112 deputados e 11 senadores), o que representa um aumento significativo de 19%. A FPE atua para bloquear ou modificar projetos que atentem segundo suas crenças aos valores morais e religiosos de base cristã, buscando influenciar o debate legislativo de acordo com princípios conservadores.

Os evangélicos, em especial os neopentecostais, com sua ocupação territorial, estrutura organizada e lideranças engajadas, tornaram-se atores-chave na política brasileira, muitas vezes aliando-se a líderes de extrema direita, que propiciam o projeto da Teologia do Domínio², uma doutrina cristã que sustenta que os cristãos têm a responsabilidade de exercer domínio sobre todos

¹ Segundo dados do Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. Site: <https://olb.org.br/>. Acesso em 22 jul. 2024.

² Para saber mais sobre a Teologia do Domínio, sugerimos a leitura do artigo de Pereira (2023).

os aspectos da sociedade, incluindo o governo, a educação, a mídia e a economia. Essa teologia baseia-se na interpretação de passagens bíblicas, especialmente em Gênesis 1:28, em que Deus instrui Adão e Eva a “dominar sobre a terra”. Um exemplo de como as relações de poder político se relacionam com essa doutrina foi a indicação do pastor André Mendonça ao cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal como símbolo da crise institucional à época entre o então mandatário do Poder Executivo e o STF. Essa indicação representou um compromisso de Bolsonaro com seu eleitorado evangélico de indicar um ministro “terrivelmente evangélico”.

Os estudos mostram que o bolsonarismo é um fenômeno mais abrangente do que o próprio líder e deve ser caracterizado por sua visão de mundo ultraconservadora que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e “assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo” (Freixo, Pinheiro-Machado, 2019, p. 19).

Nesse sentido, o fundamentalismo religioso, baseado em verdades absolutas, idealizações do passado e em forte vocação totalitária, alimenta e é alimentado pelo discurso populista de Bolsonaro. A combinação entre fé e política se entrelaça de forma indissociável, promovendo uma agenda conservadora que pode representar uma ameaça às conquistas civilizatórias, como aos direitos humanos, à diversidade e à igualdade.

Gracino Junior, Goulart e Frias (2021) defendem que o “ressentimento”, o “medo” e o “desamparo” relacionados aos afetos morais, foram essenciais para que o eleitor evangélico preferisse Bolsonaro. Esses sentimentos “mobilizam setores conservadores através de discursos morais – sendo traduzidos pelas disputas em torno de moralidades como a preservação da família diante das ameaças” (Gracino Junior, Goulart, Frias, 2021, p. 571).

Neste artigo, ao explorar a interrelação político-religiosa, buscamos compreender como o projeto bolsonarista associado à extrema direita, em curso e em expansão no Brasil, apela para uma retórica populista com forte presença do fundamentalismo religioso. Para isso, a partir de uma revisão teórica da cenografia populista, delineada por Charaudeau (2016), analisamos o discurso de Bolsonaro proferido no Culto Cívico em Celebração dos 111 Anos da Assembleia de Deus no Brasil, em Belém (PA), no dia 17 de junho de 2022, a fim de identificarmos as estratégias discursivas da correlação entre o discurso populista e os discursos fundamentalistas religiosos presentes no espectro da extrema direita brasileira.

Advogamos que as estratégias discursivas adotadas por Bolsonaro representam o modelo populista da extrema direita em voga no Brasil e, como sabemos, apesar de sua derrota apertada no pleito presidencial de 2022, seus projetos e seus seguidores estão muito vivos, ocupando e prospectando ocupar os mais diferentes espaços de poder na atualidade, e isso se faz por meio de uma comunicação estratégica que precisa ser desvelada com vistas a identificar os riscos da degeneração das conquistas civilizatórias.

Nas seções seguinte, apresentamos uma aproximação teórica da cenografia populista de extrema direita (Charaudeau, 2016) com as características dos discursos fundamentalistas religiosos (Cunha, 2021). Em seguida, apresentamos a análise textual de uma fala de Bolsonaro aos evangélicos e, por fim, as conclusões do estudo.

1. DISCURSO POPULISTA E FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS

Como vimos na introdução deste artigo, uma tradição discursiva de apelo direto às massas continua a moldar a prática política em muitos países com características peculiares em cada caso, constituídas como soluções extremas para a resolução dos problemas locais.

Apesar dos contextos distintos e dos múltiplos anseios das diferentes formas do populismo pelo mundo, Charaudeau (2016), defende que três características o definem: (1) surge da combinação de movimentos populares com um discurso que busca se aproximar do povo; (2) mesmo defendendo valores específicos, reúne pessoas com pensamentos e interesses variados, resultando em um discurso heterogêneo; (3) embora faça parte da dinâmica democrática, representa um desafio para a democracia, pois, paradoxalmente, é combatido dentro do próprio sistema democrático. Além disso, não se trata de um regime político, mas de uma estratégia que se faz pelo discurso.

Para melhor caracterizarmos o que é um “populismo de extrema direita”, tomemos a reflexão de Charaudeau (2016) de que a matriz ideológica de Direita “é caracterizada por uma visão de mundo em que a *natureza se impõe ao homem*” (Charaudeau, 2016, p. 3), enquanto a matriz ideológica de Esquerda “é caracterizada por uma visão do mundo em que é *o homem que se impõe à natureza*” (Charaudeau, 2016, p. 4). Essa distinção engendra uma série de crenças distintas. No nível das crenças religiosas, por exemplo, a laicidade do Estado estaria mais coerentemente cimentada no terreno da Esquerda, uma vez que a Direita costuma defender o segregacionismo, fazendo forte distinção entre as religiões e, em alguns casos, ditando uma relação de bem contra o mal, próprias de discursos de intolerância religiosa.

Sendo assim, a partir da caracterização de Charaudeau (2016), delineamos que a matriz ideológica de extrema direita não apenas incorpora essas características, mas as amplificam e as tornam mais rígidas em sua visão de mundo. Para a extrema direita, a ideia de que “a natureza se impõe ao homem” se traduz em uma crença ainda mais acentuada na hierarquia e na desigualdade como elementos inescapáveis e até desejáveis da condição humana, o que é traduzido em termos de valores da família, do homem e da nação. Essa perspectiva justifica relações de poder e dominação, não apenas como naturais, mas como necessárias para a ordem social.

Ainda no aspecto das crenças religiosas, a matriz ideológica de extrema direita frequentemente instrumentaliza a religião para reforçar suas visões conservadoras e autoritárias. A religião é usada como uma âncora moral que justifica a hierarquia e a ordem social tradicional

(Lages, 2018). Sob essa perspectiva, valores religiosos são interpretados de modo descontextualizado, servindo para validar a autoridade do patriarcado e a estrutura familiar tradicional, além de promover uma visão de mundo na qual normas e costumes antigos são imutáveis e devem ser preservados a qualquer custo. No espaço público brasileiro, circulam discursos que exaltam a família tradicional como o único modelo legítimo, posicionando-se contra direitos como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a igualdade de gênero, sob o argumento de que tais direitos ameaçam a “ordem natural” estabelecida por Deus.

Na análise sociodiscursiva, o eleitor evangélico mais conservador expressa posicionamentos ideológicos que estão alinhados com suas crenças religiosas expressas por seus líderes. Isso pode ser observado em entrevistas, relatórios, pesquisas e redes sociais, em que há uma recorrência de discursos que valorizam a moralidade, a ética cristã e a defesa de políticas que reflitam esses valores. Reações emocionais, como a preocupação com a erosão de valores familiares ou a oposição ao aborto, também são comuns e influenciam suas decisões políticas.

Para Charaudeau (2016), o populismo, longe de ser monolítico, é uma estratégia para conquistar ou exercer o poder por meio de um discurso que intensifica os elementos do discurso político tradicional. Decorre disso os seguintes fatos: a desordem social é amplificada para parecer uma crise em que o povo se vê como vítima, a crítica aos responsáveis transforma-se em demonização dos culpados e a defesa dos valores é realizada através de um discurso de exaltação extrema, em que o líder projeta para si mesmo a imagem de um salvador providencial. Assim os discursos populistas atuam a partir de três imaginários: (1) o imaginário de “vitimização”; (2) o imaginário de “satanização” dos culpados e (3) o imaginário do “salvador providencial”, os quais analisaremos a seguir, relacionando-os com as características dos discursos fundamentalistas religiosos.

1.1 O imaginário de “vitimização”

Patrick Charaudeau (2016) descreve o imaginário de vitimização como uma técnica discursiva usada no discurso populista para criar um sentimento de medo e insegurança entre o povo. Esse imaginário considera a percepção de desordem social, retratando o povo como vítima de forças externas ou internas que ameaçam sua identidade e bem-estar. Os medos identitários, como denomina Charaudeau (2016), são usados para alimentar a sensação de que a cultura, os valores e a segurança da comunidade estão sob ataque. Esses medos podem incluir a perda de empregos para estrangeiros, a ameaça à segurança pública por minorias ou a corrosão de valores tradicionais por políticas progressistas. Nessa cenografia, o povo é apresentado como uma vítima indefesa por meio de um discurso político que representa a união da população contra um inimigo comum, constituído por todos que ameaçam os valores e identidades vistos como naturais e

próprios da nação e, com isso, busca legitimar a necessidade de um líder forte com convicções morais para protegê-los.

No contexto brasileiro, esses medos identitários são frequentemente utilizados em discursos fundamentalistas religiosos para reforçar a ideia de que a sociedade está sendo atacada por forças que ameaçam os valores cristãos e a estrutura familiar tradicional. Por exemplo, questões como a defesa da “família tradicional” e a oposição à ideologia de gênero são apresentadas como batalhas essenciais para preservar a identidade cristã da nação. Líderes políticos alinhados com grupos religiosos utilizam esses temas para mobilizar eleitores, sugerindo que a influência progressista ou a secularização (Berger, 2001) é uma ameaça direta à moralidade e à segurança da sociedade. Essa retórica é comum em discursos que retratam políticas de inclusão e direitos de grupos minorizados, como tentativas de desestabilizar a ordem social, acarretando a construção de um medo de uma suposta destruição dos valores fundamentais da sociedade brasileira.

O imaginário de vitimização no discurso populista se relaciona diretamente com a definição de fundamentalismo proposta por Leonardo Boff (2022), como sendo “uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história” (Boff, 2002, p. 25). Nessa concepção, fundamentalista é “aquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista” (Boff, 2002, p. 25). Assim, nos casos em que líderes populistas utilizam uma visão fundamentalista religiosa, acabam por justificar políticas autoritárias e intolerantes, apresentando-se como representantes dos valores sagrados contra as ameaças construídas em seus discursos.

1.2 O imaginário de “satanização” dos culpados

No discurso populista, os culpados são frequentemente construídos como inimigos do povo, sendo desumanizados e responsabilizados por todas as dificuldades enfrentadas pela sociedade. Esses culpados podem ser elites políticas e econômicas, minorias sociais ou grupos externos que são apresentados como ameaças à ordem, à segurança e aos valores culturais. A satanização não só intensifica a polarização, como também legitima ações drásticas contra esses grupos, criando um ambiente de confronto constante.

Esse imaginário de satanização evoca muitas vezes discursos religiosos. Jair Bolsonaro, por exemplo, costuma associar grupos minorizados como ameaças à moralidade cristã e à família tradicional. Esses grupos são retratados como inimigos que buscam destruir a estrutura familiar e corromper os valores da sociedade brasileira, o que ecoa a visão fundamentalista de um mundo dividido entre o bem e o mal.

Bolsonaro também tende a se distanciar das normas tradicionais de um líder político ao apresentar-se como um “outsider” e alguém que não faz parte do sistema político corrompido. Essa postura é reforçada por sua retórica que despreza instituições democráticas, como o Supremo

Tribunal Federal (STF), que ele e seus apoiadores muitas vezes veem como um obstáculo a suas agendas. Não por acaso, essa oposição ao STF também é pautada por grandes líderes religiosos, na maioria dos casos evangélicos, como Silas Malafaia, Edir Macedo e, o também político, Marco Feliciano.

1.3 O imaginário do “salvador providencial”

O terceiro imaginário reflete que “o líder deve ser o representante do povo, a ponto de se declarar ‘o verdadeiro povo’” (Charaudeau, 2016, p. 359). No imaginário do salvador providencial, o líder político se apresenta como o único capaz de guiar o povo para fora de uma situação de crise ou desordem. De acordo com Charaudeau (2016), esse líder convoca seus concidadãos a se unirem em uma alma coletiva, direcionada por um desejo de salvação, assumindo a figura de guia ou profeta. Para isso, ele deve construir um ethos de pessoa inspirada por uma voz interior, que carrega valores idealizados para o bem do povo. Essa construção é crucial para consolidar sua imagem de apóstolo, alguém em quem o povo pode depositar suas esperanças e expectativas de mudança e redenção.

Em termos de fundamentalismo religioso, essa figura de salvador providencial se entrelaça com a ideia de um líder escolhido ou ungido por uma força divina, reforçando a percepção de que suas ações e decisões são guiadas por princípios superiores e, portanto, inquestionáveis. Nesse contexto, o líder é visto como um defensor da fé e dos valores tradicionais, capaz de restaurar a ordem moral e social supostamente ameaçada por forças externas e internas. Isso se manifesta na retórica de muitos líderes da extrema direita que utilizam referências religiosas para legitimar suas posições e ações, apelando para a fé dos eleitores como um meio de consolidar sua autoridade e influência.

No Brasil, essa dinâmica é particularmente evidente no discurso de Jair Bolsonaro, que costuma utilizar uma retórica messiânica, posicionando-se como um defensor dos valores cristãos e da família tradicional. Com essa estratégia, apela-se a um eleitorado religioso, especialmente evangélico, que vê nele um bastião contra a corrupção e a decadência moral. Soma-se a isso uma amplificação desse discurso por líderes religiosos que o apoiam, reforçando a narrativa de que ele é o escolhido para proteger a nação contra os inimigos, sejam eles políticos, ideológicos ou sociais. Assim, a combinação de populismo e fundamentalismo religioso cria uma forte narrativa de salvação, que mobiliza o apoio popular e desafia as instituições democráticas.

2. ENTRE A CENOGRAFIA RELIGIOSA E POLÍTICA

Para atender nosso objetivo, que é refletir acerca das interseções entre o populismo da extrema direita e o fundamentalismo religioso, considerando o contexto de crescimento da população evangélica no Brasil, partimos da teorização, buscando construir uma cenografia do

discurso populista de extrema direita com a inserção dos discursos fundamentalistas que circulam no contexto brasileiro, para, em seguida, observar de que forma as categorias são gerenciadas em uma análise textual: o discurso de Bolsonaro proferido no Culto Cívico em Celebração dos 111 Anos da Assembleia de Deus no Brasil, em Belém (PA), no dia 17 de junho de 2022.

Essa associação entre as práticas sociais e a linguagem compreende uma interdisciplinaridade focalizada, na qual, enquanto analistas, procuramos “manter tanto o múltiplo pertencimento disciplinar dos fenômenos sociais (interdisciplinaridade), quanto o rigor de uma disciplina” (Charaudeau, 2005).

Charaudeau (2006) argumenta que o fenômeno político é complexo porque resulta de um conjunto de fatos de naturezas diferentes, tais como os fatos políticos, os fatos sociais, os fatos jurídicos e os fatos morais, os quais não estão isolados. Ao contrário, entrecruzam-se constantemente e a linguagem/ o discurso atravessa todas as dimensões do fenômeno político.

No Brasil, o discurso fundamentalista religioso é um desses fatores usados para reforçar valores morais e criar uma narrativa de salvação nacional em práticas políticas. A retórica religiosa é potente porque atravessa a dimensão do fenômeno político, criando um imaginário de verdade, moldando, assim, a identidade e as ações dos líderes e influenciando o comportamento e as expectativas dos eleitores. Resulta disso, a criação de um cenário em que o crescimento da população evangélica acaba validando o modelo de extrema direita brasileiro, distinguindo-o de seus equivalentes em outras partes do mundo, nas quais a religião não tem o mesmo peso na formação e manutenção do apoio popular.

Outra defesa de Charaudeau (2006, p. 253) é que “o discurso político não tem sentido fora da ação, e que a ação busca, para o sujeito político (mas também para todo sujeito), o exercício de um poder”. Com isso, pensemos nas ações dos líderes de extrema direita como estratégicas, moldando-se para a construção e manutenção de seus poderes. No caso brasileiro, defendemos que o principal líder da extrema direita, Jair Bolsonaro, aproveita-se das pautas evangélicas não por acaso.

Essa aproximação acontece ao mesmo tempo em que ocorre uma intensa transição religiosa motivada pelo crescimento da população evangélica, já revelado pelo Censo de 2010. Em 1991, 83% da população se identificavam como católicos e apenas 9% se diziam evangélicos. Já em 2010, os evangélicos somavam 22% e a parcela de católicos diminuiu para 65% (IBGE, 2012).

A cenografia que desejamos percorrer tem como ator principal Jair Bolsonaro, mas poderia ser muitos dos políticos de extrema direita cujas vozes ecoam nos pleitos eleitorais Brasil a fora, o que foi notável nas eleições municipais de 2024. Como público, ouvintes desses discursos, podemos projetar indivíduos evangélicos mais conservadores, como aqueles que ouviram o discurso proferido por Bolsonaro em uma Assembleia de Deus, em Belém (PA), ou qualquer outro sujeito que se identifica como evangélico e reconhece as pautas defendidas por sua congregação. O ator é na ocasião representante máximo da política brasileira e do poder político, mas também

candidato à reeleição. O discurso ocorre dentro de uma igreja evangélica e ganha importância pela presença de Bolsonaro, como verdadeiro representante das crenças religiosas e dos valores que são ensinados frequentemente nas pregações dos pastores, também líderes do público que estamos considerando.

A figuração completa do momento seria exaustiva e desnecessária para o que pretendemos analisar, por isso nos concentramos, na sequência, na análise de alguns trechos prototípicos desse discurso³.

2.1 A “vitimização” como medo

No início de seu discurso (1), Jair Bolsonaro vai construindo paulatinamente um imaginário de salvador providencial associado ao de vitimização, para isso relata sua história de nascimento e infância como repleta de dificuldades superadas e mistérios inexplicáveis, sugerindo uma proteção ou destino especial que o acompanhou desde o início. Ele mesmo é fruto da fé de sua mãe, mulher católica que é representada no discurso como quem educa muito bem seus filhos. Já de início, a espiritualidade no sentido de uma experiência divina inexplicável começa a ser implantada em sua narrativa.

(1) A minha vida daria para compor um livro de muitas coisas inexplicáveis, até mesmo meu nome. Minha mãe católica, com problemas durante a gestação, e tendo em vista eu ter contrariado diagnóstico daquela época, eu nasci bem e ela resolveu me botar o nome de Messias. Obviamente, isso foi pela fé dela, já o meu pai, amante de futebol, e tinha um grande crack naquela época, Jair Rosa Pinto, ele botou Jair.

Em seguida, relata uma educação rígida e respeitosa, própria do idealismo do passado provido de valores tradicionais presente em discursos fundamentalistas, designando o presente percebido como caótico, decadente, preparando uma imagem idealizada do passado para depois construir um medo do futuro.

(2) E assim eu nasci, o total sete filhos. Todos, muito bem educados, todos chegaram à escola já alfabetizados. Uma época diferente, de muito respeito, em especial, para os pais, para com os mais velhos, e também para a conta os professores da época que ela é.

Ao falar sobre o passado e sobre a sua família, como é possível perceber nos trechos (1) e (2), Bolsonaro emprega uma semântica positiva, utilizada para refletir valores da família e uma imagem positiva do passado. Essa semântica constrói no discurso uma contraposição muito bem marcada com o presente e com a perspectiva do futuro. Exemplo do que estamos falando ocorre

³ O discurso completo está disponível no site da Biblioteca Presidencial. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-culto-civico-em-celebracao-dos-111-anos-da-assembleia-de-deus-no-brasil-em-belem-pa>. Acesso em: 25 jul 2024. O discurso pode ser assistido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-C3Olu-sbU>. Acesso em: 25 jul 2024.

no trecho seguinte (3), em que o imaginário de vitimização é construído através da percepção de uma ameaça aos valores tradicionais, algo que Charaudeau (2016) descreve como central nos discursos políticos que apelam ao medo identitário.

(3) Tivemos lá um tal de PNDH-3⁴, um decreto de 2009, onde o que mais saltava aos olhos, entre 180 itens, era a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, um casal não era mais um homem ou uma mulher, eram dois seres humanos. Nós aqui sabemos como tratar essas questões, mas temos o direito do lado de cá, fazer valer os nossos valores.

Ao referir-se ao PNDH-3 e à “desconstrução da heteronormatividade”, a fala sugere que políticas progressistas estão atacando diretamente o modelo de família tradicional. A palavra “desconstrução” é usada para sugerir que há uma tentativa ativa e negativa de minar ou enfraquecer a heterossexualidade como norma cultural e social, com a conotação de que essa mudança é indesejável ou perigosa. O uso do prefixo “des-” articula uma estratégia muito comum nos discursos de extrema direita e dos fundamentalistas religiosos, a ideia de que os opositores desejam mudar uma ordem vista como natural, verdadeira e socialmente aceitável. Com isso, evoca-se o medo de uma perda de identidade cultural, moral e religiosa.

O apelo ao “direito do lado de cá” para fazer valer os valores tradicionais reforça a narrativa de que esses valores estão sob cerco e precisam ser defendidos, criando uma divisão entre um “nós” virtuoso e um “eles” ameaçador. O “nós” inclusivo engloba os ouvintes e o próprio Bolsonaro como cúmplices da defesa da proteção e restauração da moralidade, percebida como desgastada. Como vimos, esse “nós” foi sendo construído por uma semântica positiva e em oposição a um sujeito ameaçador não definido e ainda muito vago, mas, pela oposição, já identificado por uma semântica negativa. Trata-se de um sujeito responsável pelos medos relacionados com o futuro da nação e com os valores tradicionais, já figurados desde o início do discurso do ex-presidente.

Após figurar o medo da “desconstrução da heteronormatividade”, Bolsonaro traz ao imaginário outros medos relacionados, o medo da implantação da ideologia de gênero e o medo de que os valores familiares sejam desgastados (no trecho 4), reforçando o imaginário bastante presente na sociedade de que “a juventude atual está perdida”.

(4) Tivemos também um tal de PL 122/2006, onde queriam botar na cadeia padres ou pastores que, porventura, se negassem a realizar um casamento entre 2 pessoas, independente do seu sexo. Foi uma batalha terrível. Estive à frente dessa batalha, principalmente, aquela onde começou a história da ideologia de gênero. Querer ensinar para os nossos filhos de 5 e 6 anos de idade que ele poderiam definir o seu sexo mais à frente, dizer que ele não nasceu menino nem nasceu menina. Qual o objetivo disso tudo, a não ser desgastar os valores familiares. Apareci neste momento, juntamente com alguns parlamentares evangélicos e com o tempo, outros

4 O Programa Nacional de Direitos Humanos 3, lançado em 2009 pelo Governo Lula (Decreto nº 7.037), promove a proteção dos direitos humanos no Brasil. Com cinco eixos – Interação Democrática, Desenvolvimento e Direitos Humanos, Universalização de Direitos, Segurança Pública e Justiça, e Educação em Direitos Humanos –, orienta ações governamentais e participação social para ampliar esses direitos.

se somaram, fomos vitoriosos, o parlamento não aprovou essas propostas, a marca ficou e eu comecei a me interessar mais ainda, com o que acontecia naquela casa.

No trecho (4), o PL 122/2006⁵, que criminalizava a homofobia, é descrito como uma ameaça direta à liberdade religiosa e aos valores tradicionais. A menção de que padres ou pastores poderiam ser presos por se recusarem a realizar casamentos entre pessoas do mesmo sexo intensifica a sensação de perseguição e injustiça contra grupos religiosos. A expressão “uma batalha terrível” e a afirmação de estar “à frente dessa batalha” posicionam Bolsonaro como um defensor dos valores religiosos, lutando contra uma imposição percebida como autoritária. A introdução do conceito de “ideologia de gênero” contribui para essa narrativa de ameaça à ordem social tradicional, reforçando medos identitários e a ideia de que há um esforço organizado para dismantlar normas e costumes considerados naturais, trazida ao discurso novamente pelo uso do prefixo “des-” em “desgastar”.

Outra característica evidente no trecho (4) é a maneira com que a narrativa vai sendo elaborada como um relato de testemunho, gênero discursivo que envolve a narração de experiências pessoais que são interpretadas como manifestações da vontade divina. O propósito desse gênero é demonstrar a intervenção de Deus na vida das pessoas, assim fortalecendo a fé dos ouvintes. Segundo Torresan e Costa (2009), no gênero relato de testemunho religioso, o fiel exerce a função de um ventríloquo, uma vez que a instituição se apodera do seu discurso para garantir o status de confiabilidade ao discurso mais amplo que pretende sustentar, como é percebido no discurso analisado.

Além disso, Bolsonaro frequentemente utiliza versículos bíblicos em seus discursos, inclusive sendo slogans de suas campanhas. No trecho (5), o versículo João 8:32, possivelmente a passagem bíblica mais utilizada por ele, exemplifica uma estratégia de intertextualidade, na qual ele incorpora elementos do discurso religioso para ensejar credibilidade ao imaginário de medos construído anteriormente. Essa intertextualidade fortalece a ideia de que suas palavras são mais do que simples opiniões políticas; são verdades que carregam um peso espiritual.

(5) Ao longo desse tempo todo, eu usei uma passagem bíblica, João 8:32. A verdade realmente dói pessoal, mas ela nos liberta.

Assim, com a instauração da verdade em seu discurso, “suas palavras não precisam de provas ou números porque vêm de Deus e, no fim das contas, jamais poderão ser compreendidas pelos inimigos da verdade” (Alexandre, 2020, p. 32). Apaga-se, com o uso desse versículo, a desconfiança política instaurada nos discursos políticos.

⁵ O PL 122/2006 foi um projeto de lei brasileiro que visava criminalizar a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, ampliando a Lei nº 7.716/1989, que já punia discriminação racial. O projeto buscava incluir a penalização de práticas homofóbicas e transfóbicas, propondo medidas contra preconceito e intolerância. Apesar de gerar debates intensos e enfrentar resistência, o PL 122/2006 não chegou a ser aprovado pelo Congresso Nacional e foi arquivado em 2014.

2.2 A “satanização” como o bem contra o mal

O discurso populista de extrema direita simplifica questões complexas em uma luta moral entre o “bem”, representado por valores religiosos e tradicionais, e o “mal”, representado por quem ameaça esses valores. Essa construção cria uma narrativa emocional que polariza a sociedade e define adversários políticos como inimigos morais.

No trecho (6), Bolsonaro posiciona o “sistema” como inimigo que tenta impor “outro nome” para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, insinuando que por mais que exista uma parcela da sociedade contrária aos valores cristãos e evangélicos, ele cumpriu com sua palavra ao escolher um “ministro terrivelmente evangélico”. Essa estratégia cria uma distensão deliberada entre o sujeito discursivo (Bolsonaro) e o lugar que ele ocupava no aparato governamental, uma vez que ele se dissocia da máquina estatal ou das elites burocráticas, apresentando-se como alguém que luta contra essas forças, mesmo quando exerce o cargo máximo do executivo. Isso é feito por meio da escolha lexical “sistema”, que, embora nesse uso seja esvaziado de referente, é carregado de conotação negativa.

(6) Os senhores sabem muito bem que levou 4 meses para que a sabatina fosse realizada, porque, obviamente, o sistema queria outro nome, achando que eu poderia desonrar o meu compromisso, e botar alguém lá que interessasse a uma outra parcela da sociedade, e não aos cristãos ou aos evangélicos. Creio que hoje, depois de alguns meses lá dentro, está bom termos um ministro com M maiúsculo, o André Mendonça. Já conhece o que acontece naquele ambiente, já conhece cada um deles; já sabe, por exemplo, quem é favorável ao aborto, a liberação das drogas ou não. Não se esqueçam, quando se fala em aborto, a Colômbia aprovou o aborto via sua Suprema Corte e não via Parlamento. (Grifos nossos)

A fala constrói uma polarização, na qual os “cristãos” e “evangélicos” contrários ao aborto e à liberação das drogas representam o bem, enquanto os outros, associados ao aborto e à liberação de drogas, simbolizam o mal. Percebe-se, ainda, no trecho (6) a referência à Colômbia, a fim de assegurar que a aprovação do aborto pela Suprema Corte foi uma imposição antidemocrática possível de acontecer no Brasil, reforçando a ideia de que há uma luta entre forças maléficas que agem contra a vontade popular e cristã. O uso dessa linguagem aprofunda a polarização, pois reforça a narrativa de que o governo, ao honrar seu compromisso com os evangélicos, está do lado do “bem”, em contraste com aqueles que seriam favoráveis a práticas condenadas por esse grupo. A antítese reflete uma clara divisão entre “nós” x bem e “eles” x mal.

Em outro trecho (7), Bolsonaro define a sua posição como a única que protege a sociedade, enquanto as demais são vistas como potencialmente destrutivas.

(7) Lamentavelmente uma pandemia se abateu sobre todo mundo. O slogan usado no mundo todo foi: Fica em casa, a economia a gente vê depois. Talvez eu tenha sido o único chefe de estado do mundo contrário a isso. Sempre disse que deveríamos trabalhar, cuidar dos idosos e das pessoas com comorbidade, porque

o vírus não iria embora. Hoje, ao reconhecimento de que eu estava certo, mas 2020 foi um ano difícil para muita gente. Muita gente perdendo emprego, perdendo renda, e tínhamos uma catástrofe se aproximando. Rapidamente, criamos o Auxílio Emergencial. Por mês, nós gastávamos dinheiro de vocês, 50 bilhões de reais, mas vencemos 2020, não foi fácil.

A estratégia de repetir uma informação falsa, a de que ele estava correto ao ser contrário ao confinamento em prol da economia, e a implantação de uma voz negativa, dos líderes favoráveis ao distanciamento social, representantes do “mal”, como sugere o trecho “fica em casa, a economia a gente vê depois”, permite que o orador se coloque em uma posição de resistência heróica, sugerindo que todos os outros líderes mundiais sucumbiram a uma solução errada, que ignorava as consequências econômicas e sociais. Com isso, Bolsonaro se posiciona como aquele que enxergou o perigo real, satanizando a narrativa global que priorizava o confinamento. Essa polarização transforma a questão da pandemia em uma luta moral, na qual quem seguiu o confinamento é associado ao “mal”, por negligenciar o impacto econômico e social que ele causaria.

No trecho seguinte (8), a polarização fica mais evidente, sendo construída através da dicotomia explícita e repetitiva entre dois lados opostos, em que o líder da extrema direita brasileira divide o mundo em campos morais claramente delimitados: de um lado, o “mal”, representado pelas forças que defendem valores como o aborto, a “ideologia de gênero”, a liberação de drogas e o ataque aos valores familiares; e do outro lado, o “bem”, simbolizado por aqueles que defendem a vida, a proteção da inocência das crianças, a preservação dos valores familiares e a oposição às drogas.

(8) De um lado, tem aquele que quer defender o aborto. Do outro, quem é contra. Do lado de lá, aquele que quer a ideologia de gênero. Do lado de cá, aquele que quer preservar a inocência das crianças em sala de aula. Do outro lado, aquele que quer a liberação das drogas. Do lado de cá, quem é contra a liberação das drogas. Do lado de lá, aquele que quer desgastar os valores familiares. Do lado de cá, quem quer preservar os valores familiares. E assim nós podemos fazer comparações, e a decisão final cabe a cada um de vocês.

A estrutura do discurso força o público a escolher entre dois extremos morais. O uso de termos como “inocência das crianças”, “valores familiares” e a oposição ao aborto e à liberação de drogas são narrativas alinhadas com valores defendidos por muitos grupos religiosos, especialmente os evangélicos, que têm se posicionado fortemente em torno de pautas conservadoras (Cunha, 2020; Spyer, 2020). Além disso, ao dizer que “a decisão final cabe a cada um de vocês”, o orador conclama o público a se posicionar moralmente, mas dentro de uma estrutura já rigidamente binária, uma vez que a escolha pelo “bem” (do lado dele) é apresentada como a única opção moralmente correta.

2.3 O “salvador providencial” como Messias

A figura do “salvador providencial” se relaciona diretamente com o conceito de líder populista carismático, que se coloca como o único capaz de salvar a nação de um perigo moral ou social. No caso do populismo de extrema direita, esse líder se associa aos valores tradicionais, nacionalistas e religiosos, muitas vezes em oposição a forças externas ou internas percebidas como ameaças à soberania e à moralidade da nação. Para Löwy (2015) a intensificação de políticas neoliberais gera uma “obsessiva procura por fontes e raízes que leva a formas chauvinistas de religião, formas religiosas de nacionalismo, além de alimentar conflitos étnicos e confessionais” (Löwy, 2015, p. 656-657).

No trecho (9), ao vincular seu papel político a uma “missão” divina, Bolsonaro legitima seu governo duplamente: pela política terrena e pela providência divina, assim reforçando a ideia do “salvador providencial”, em que o líder não é apenas um gestor ou representante, mas uma figura messiânica, destinada a guiar a nação sob os preceitos cristãos. Essa visão ressoa fortemente com a base evangélica, que enxerga a política como uma extensão de sua fé, na qual líderes ungidos por Deus têm um papel crucial na luta contra o mal e a preservação dos valores cristãos.

(9) Obrigado a Deus pela minha segunda vida e pela missão de estar à frente do Executivo Federal. [...] Sou cristão, e digo-lhes que é muito bom estar entre aqueles que tem Deus no coração. Creio que todos nós temos uma missão nessa terra e devemos cumpri-la da melhor maneira possível. Jamais podia esperar ser o Presidente da República. Creio que o destino traçado e por Ele, me fez chegar até aqui.

O apelo direto ao eleitorado evangélico se reflete diretamente no discurso, principalmente quando o orador se identifica como “cristão” e fala da importância de “ter Deus no coração”. Com esse discurso, Bolsonaro estabelece uma conexão emocional e simbólica com o eleitorado evangélico e cristão, que constrói a imagem desse líder como a de um sujeito que compartilha das crenças e dos valores que são próprios de seu grupo.

Essa construção do líder como um “Messias”, como vimos em (1), é uma estratégia populista eficaz, pois dá à figura do governante uma legitimidade transcendente (“ela resolveu me botar o nome de Messias”), quase incontestável, perante seu eleitorado, especialmente entre os grupos religiosos. No trecho (9), Bolsonaro se coloca como alguém “escolhido” por Deus, evocando tanto a confiança daqueles que partilham da mesma fé, como também se posicionando como o guardião dos valores morais e espirituais da nação. Demuru (2021, p. 265) defende que essa “semiose afetiva é usada pelo bolsonarismo para construir e corroborar um discurso político-messiânico que se encaixa no atual contexto social e religioso brasileiro”, o que é potencializado pela semelhança da comunicação realizada na mídia evangélica (Cunha, 2019).

No trecho (10), subsequente, o messianismo é evidenciado através da construção de uma narrativa em que o líder se apresenta como alguém com um destino excepcional, protegido por um

“milagre” divino para cumprir uma missão especial. Essa retórica é uma forma de criar uma conexão emocional e simbólica com o público, projetando o líder como um “escolhido” ou um “salvador providencial”.

(10) Fomos crescendo. Chegou um dia quase fatídico, 06 de setembro de 2018, crescendo bastante, vindo do nada, como se fosse algo que apareceu no horizonte, tentaram me matar. Uma facada, se perguntarmos para os médicos de Juiz de Fora e depois de São Paulo que me atenderam, são praticamente unânimes, por milagre a minha sobrevivência.

A rememoração do episódio da facada e a narrativa em torno de sua sobrevivência ajudam a criar uma imagem de heroísmo e sacrifício. O líder é alguém que esteve à beira da morte, mas que, por sua força e fé, foi poupado para continuar lutando por seu povo. Essa construção de uma figura heróica e messiânica transforma o líder em um símbolo de resistência e perseverança, elevando-o acima da política comum e colocando-o em um patamar de quase divindade, como um salvador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como as análises dos trechos do discurso de Bolsonaro demonstram, a confluência entre política e religião com as caracterizações próprias do populismo de extrema direita e dos fundamentalismos religiosos fortalecem uma visão autoritária, na qual o líder messiânico é visto como incontestável, o que reforça a personalização do poder e diminui o espaço para a crítica e a fiscalização das ações governamentais. Nesse sentido, a retórica revestida por imagens religiosas é perigosa, pois blinda o líder contra acusações e críticas, apresentando-o como alguém que está cumprindo uma missão divina, o que deslegitima qualquer oposição como algo “do mal” ou contrário aos planos de Deus.

Além disso, a linguagem dualista com cargas semânticas negativas constrói imagens de medo, o que fortalece a narrativa de ameaça iminente, comum nos discursos da extrema direita e tão fortemente presente nos discursos de Bolsonaro e de pastores evangélicos conservadores. A cenografia é a de que os inimigos externos, como o “sistema” ou ideologias progressistas, são perigos que atentam contra os valores cristãos e a segurança moral da nação.

Acerca da RDP por políticos de extrema direita, podemos perceber, na cenografia analisada, um notório uso de uma semântica positiva na construção de uma imagem de líder, contraposta a uma imagem negativa dos sujeitos vistos como culpados pelo processo de mudança da ordem natural. Essa imagem é produzida, não por acaso, nos mesmos moldes de um relato de testemunho e com a presença pontual de passagens bíblicas, responsáveis pela implantação de uma fiança de verdade por parte do público.

A interpretação demonstrou que a integração entre as práticas políticas e religiosas resulta na pressão para que políticas públicas sejam moldadas a partir de princípios contrários à

diversidade, o que compromete a construção de uma sociedade pluralista e inclusiva, limitando os direitos de grupos minoritários e marginalizados e impedindo o avanço de políticas que promovam a igualdade e a justiça social. No Brasil, observamos uma crescente influência de grupos religiosos na formulação de leis, principalmente em temas que envolvem os direitos das mulheres, a educação sexual nas escolas e a criminalização de minorias. Tal cenário anuncia retrocessos intransigentes nos direitos civis e na inclusão social, enfraquecendo os avanços conquistados, limitando a pluralidade social e fortalecendo intolerâncias.

Do ponto de vista teórico, o cruzamento entre o contexto social e os imaginários populistas de Charaudeau (2016) demonstrou ser profícuo para revelar como a interdiscursividade político-religiosa opera. Essa combinação analítica oferece um caminho promissor para investigar outros contextos em que fundamentalismos se entrelaçam a projetos populistas — seja em tradições cristãs distintas, seja em outras matrizes religiosas.

Entretanto, há lacunas que podem ser preenchidas por meio de estudos futuros, tais como uma análise longitudinal de campanhas eleitorais municipais e estaduais para mapear a evolução dos enquadramentos moralizantes; estudos de corpus multimodal que integrem vídeo, áudio e interações em redes sociais; e investigações comparativas entre discursos de líderes de diferentes países, de modo a compreender convergências e divergências na apropriação do léxico religioso por atores populistas em diferentes contextos.

Em síntese, a investigação demonstrou que a incorporação de repertórios religiosos ao discurso populista de Bolsonaro consolida um padrão comunicativo que personaliza o poder, deslegitima opositores e orienta políticas regressivas. A análise integrada de escolhas linguísticas, cenografias e contextos sociais permitiu captar a coerência interna desse projeto discursivo e evidenciar seu impacto direto sobre o espaço público democrático. Esses achados também oferecem um protocolo analítico aplicável a outros casos em que religião e populismo convergem na legitimação de agendas autoritárias.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião & Sociedade**, v. 21, n. 1.
- BOFF, L. **Fundamentalismo**: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche?. In: **Les discours politiques**. CORCUERA F. *et al* (dir.). **Regards croisés**, Paris: L'Harmattan, 2016.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. M. A. L. Pauliukonis, e S. Gavazzi. (Orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CUNHA, M. “Pelo governo de Deus”: a inserção de novos movimentos fundamentalistas estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. **Revista Ciencias Sociales y Religión**, v. 23, 2021, p. 1-37. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fperiodicos.sbu.unicamp.br%2Fois%2Findex.php%2Fcsr%2Farticle%2Fdownload%2F8670270%2F29465%2F127658>. Acesso em: 3 fev. 2025.

CUNHA, M. **Fundamentalismos crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul**: tendências e desafios para a ação. Salvador: Koinonia, 2020.

CUNHA, M. Os processos de midiáticação das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Revista Famecos**, 26:1, p. 1-20, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.30691>. Acesso: 03 fev. 2025.

DEMURU, P. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 2, p. 264-291, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180942> Acesso em 03 fev. 2025.

FREIXO, A. de; PINHEIRO-MACHADO, R. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, A. A. de; PINHEIRO-MACHADO, R. Brasil em transe: nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 09-24. (Coleção Pensar Político).

FUNKE, M.; SCHULARICK, M.; TREBESCH, C. Going to extremes: Politics after financial crises, 1870–2014. **European Economic Review**, v. 88, p. 227–260, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2016.03.006>. Acesso em: 3 fev. 2025

GRACINO JUNIOR, P.; GOULART, M.; FRIAS, P. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, v. 23, n. 51, p. 547–579, 2021. DOI: 10.1590/2236-9996.2021-5105. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2021-5105>. Acesso em: 29 set. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LAGES, B. de S. *Laicidade à brasileira*. São Paulo: Recriar, 2018.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social e Sociedade*, n. 124, 2015. p. 652-664. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 29 set. 2024.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: R. AMOSSY. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti.

MARCHETTI, R.; PAGIOTTI, S. An Increasingly (In)visible Religion? The Italian Case. *Religions* 2023, 14, 1408. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel14111408>. Acesso em: 14 set. 2024.

MUDDE, C. *A extrema direita hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

PEREIRA, E. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação política- evangélico bolsonarista. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 76, p. 147–173, 2023. DOI: [10.23925/2176-2767.2023v76p147-173](https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p147-173). Acesso em: 18 out. 2024.

PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020.

SPYER, J. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração, 2020.

TORRESAN, J. L.; COSTA, M. J. A narrativa no gênero: “relato de testemunho religioso”. *Dialogia*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 231-242, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.v8i2.1567>

OS AUTORES

Júlio Araújo

Pós-doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e Pós-Doutor em Humanidades pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Doutor em Linguística e professor titular do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: araujo@ufc.br

Wesley Vieira

Doutorando e Mestre em Linguística pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Superintendente Escolar e Professor efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Ceará. E-mail: wesleylinharesufc@gmail.com.